

O Progresso Catholico

REVISTA RELIGIOSA, SCIENTIFICA, LITTERARIA, ARTISTICA E NOTICIOSA

SUMMARIO:

O QUE É UM POVO CATHOLICO, pelo Padre Senna Freitas.—SECÇÃO RELIGIOSA: *Carta Pastoral do Ex.º Sr. Arcebispo de Braga, publicando o jubileu extraordinario (continuação); Tratado da Religião em Geral, Artigo II, V. de P. P. (continuação).* — SECÇÃO ARTISTICA: *O meu pensar acerca das artes portuguezas no seculo XIX?*, pelo P.º Alfredo Elviro dos Santos (continuação). — RETROSPECTO DA QUINZENA, por J. de Freitas. — *Boletim do Monumento a Pio IX, o Grande.*

GUIMARÃES 15 DE OUTUBRO DE 1881

O QUE É UM POVO CATHOLICO

(AINDA A IRLANDA)

Discant mei.

Os apologistas da religião accumulam provas sobre provas para demonstrar a sua veracidade ao espirito dos ignorantes e dos incredulos. Muitas, porém, d'ellas são especulativas, outras abstrusas demais, pouco comprehensíveis á intelligencia de um grande numero, outras improcedentes ou pouco persuasivas. Estamos n'um seculo tão positivo que as demonstrações praticas, ao passo que são mais accessiveis, produzem tambem melhor effeito, fazem mais impressão. Eu por mim confesso que sympathizo com ellas.

A que proposito digo isto? De ha mais de vinte annos que conhecia a Irlanda, mas hoje conheço-a de perto, porque vim visitá-la. Vivo no meio d'ella, penso, sinto e respiro no seu meio. Não tenho, desde que cheguei, feito outra coisa senão estudal-a sob todas as faces, e d'ora em diante, quando eu quiser convencer da verdade e sublimidade da moral christã algum espirito desvairado, obcecado ou preconceituado, não farei mais do que apontar-lhe para a Irlanda e dizer-lhe: alli tendes um povo que é nem mais nem menos que o producto do catholicismo; que n'elle foi sempre educado e continúa a ser-o que n'elle e d'elle vive, que com o amor da patria respira o amor da sua religião e a estremece a pontos de que morreria abraçado com o arcabouço d'essa religião, se ella podesse cessar d'existir. Porém que nota todo e qualquer viajante acerca dos costumes mo-

raes d'este povo, ao tratá-lo por algum tempo? O povo irlandez é essencialmente affavel, hospitaleiro e franco quanto liberal na sua hospitalidade, leal nos seus contractos, sincero até ao excesso nas suas relações sociaes, amigo de prestar serviços não já pedidos mas espontaneos, jovial como um polaco, ou um francez bem humorado; resignado com a sua pobreza, e paciente até ao heroismo, até á veneração europea, sob o jugo das vexações a que a Inglaterra o condemnou por seculos; finalmente pacifico e por extremo laborioso. Não ha aqui hyperbole nem improvisado de descripção. Ficaria penalizado se alguém o pensasse. De cada uma das qualidades que enumearei poderia citar exemplos illustrativos, dos quaes não poucos passaram connigo.

Porém o que acabo de afirmar do irlandez não poderia affirmar-o do inglez, do hollandez, do prussiano, porque o protestantismo professado por esses povos fornece nos seus mesmos principios doutrinaes ampla margem á liberdade de costumes, e essa margem os protestantes não a deixam em branco. Nem tão pouco poderia affirmar-o do povo italiano, francez, mesmo hespanhol etc., porque o catholicismo n'estes paizes não está tão profundamente arraigado como na Irlanda, não *informa* ou não dirige a vida social e domestica como aqui, não exerce um prestigio tão geral nem sobretudo tão *real e effectivo* como na catholica Erin. D'onde eu concluo que a moralidade de um povo está na razão directa da influencia que o fermento evangelico, ou por outra, que o christianismo exerce n'elle, e na razão inversa da actividade com que o elemento subversivamente revolucionario actua sobre elle para esphacelar-lhe as crenças e pela falta d'ellas os costumes. Assim o melhor dos povos será o mais christão de todos. O catholicismo, unico christianismo hoje subsistente, não ca-

rece de outra prova da sua divina verdade. *Ex fructibus cognoscetis.* Eis o que eu diria a um espirito embaído por preconceitos, e o que no entretanto digo ao leitor para sua edificação.

Em prova do que venho narrando, alguns traços rapidos sobre os costumes christãos dos irlandezes.

NA RUA

Ao encontrarem um sacerdote saudam-n'o sempre, os homens levando a mão ao chapéu, ou tirando-o, as mulheres fazendo uma especie de meia genuflexão, as creanças vindo apresentar-se diante do sacerdote para que lhes deite a benção. E são tão lindas estas creancinhas! Quanto mais pobres, mais lhes realçam os cabellos de fios d'ouro, os pequeninos olhos azues e a brancura de jaspe, propria da casta saxonica. Muitas andam descalças de pé e perna e a gente tem quasi que pena de ver andar a tisanar-se na lama do caminho estes anjos de mais alva cutis que os de Raphael.

O *gentleman* que dirige o seu *phaeton* aristocratico descobre-se ou leva a mão ao chapéu ao distinguir o cabeção ecclesiastico. O conductor do *out-side car*, o official de policia fazem outro tanto. A attitudo reverente que então tomam revela assaz o respeito que lhes merece o ministro da sua religião. Eis o que noto em toda a Irlanda; e tenho da boca dos proprios irlandezes, que, apesar de pacifcos, administrariam um *tabefe* em forma ao malcreado que ouzasse desrespeitar o character sacerdotal em um dos seus representantes mesmo indignos. A garotada de camisa rota e de gravata lavada lá da nossa terra, se viesse por cá viver algum tempo ou havia de entrar no rego dos paizes *civilizados*, ou tinha de sair da Grã Bretanha com o cocix amolgado.

Os pobres, ainda nas cidades principais, têm, como os nossos camponeses do Minho, o habito de despedir-se uns dos outros por estas bellas expressões: «Deus vá na sua companhia», «Deus o salve» (*God save you*). Se um irlandez entra n'uma officina, ou n'um lugar qualquer onde encontra um homem a trabalhar, ao despedir-se d'elle diz-lhe: «Deus abençoe o seu trabalho» (*God bless the work*).

NA FAMILIA

Sobre a meza de todas as familias não só ricas mas arremediadas e ainda de muitas que nem a tanto chegam, vê-se um exemplar da Biblia de Douay (a edição catholica da Grã Bretanha).

Depois da labutação do dia a familia reúne-se e o pai ou o filho mais velho lê alguns capitulos d'esse livro incomparavel. Invejo quejando costume aos irlandezes e aos inglezes catholicos. Invejo-lhes o conhecimento que têm da Escripura Sagrada. Ella é o livro dos livros, o livro de Deus, e não obstante, pouco ou nada é conhecido nas nossas familias portuguezas. Muitas nem por fóra o viram, e as que querem lê-o munem-se o mais das vezes de uma Biblia protestante (!) E' realmente para lamentar que não tenhamos uma edição annotada, approvada, manual, e economica da Sagrada Escripura, que espalhassemos pelo povo e que se prestasse aos recursos pecuniarios de todos, affirmo de que esse livro, verdadeira pharmacoopia para todas as enfermidades da alma, mestre inspirado da sciencia pratica da salvação, divino maná de celestes consolações, e preciosissimo thesouro das nossas crenças se tornasse o companheiro da lareira, o narrador familiar das maravilhas de Deus, o commentador infallivel do sermão ouvido na igreja, o amigo invariavel da vida inteira. Substitue-o em Lisboa o *Diario de Noticias* e no Porto o *Primeiro de Janeiro*...

A oração da manhã bem como a da noite fazem-se sempre e em commun. A da noite costuma ser o rosario. Depois de cada refeição dá-se graças a Deus. Este costume é tão geral em toda a Irlanda, que difficilmente se toparia uma familia onde elle se não observasse, segundo as informações seguras que tenho podido obter. Do peito do rico como do pobre, do da criança do *high life* como da andrajosa pende a medallha da Virgem. A devoção para com Maria na Irlanda chega a ser ternura filial. Lembra-me Braga.

Os filhos de familia são educados em tamanha pureza e simplicidade de costumes, que não é nada raro attingirem uma idade assaz adulta (15, 16 annos e mais) sem conhecerem cousa alguma do que se chama impudicia.

Uma vez ia eu por mar, na companhia de um padre meu amigo, de Cork para Queenstown, que demora a duas leguas d'aquella cidade. O vapor costeiro passou a pequena distancia de algumas povoações intermediarias, porque o mar estava calmo como um tanque. Do alto dos rochedos que ressaltam do litoral atiravam-se á agua alguns amadores de natação, uns oito ou dez rapazolas dos seus dezeseis annos seguintes. Estavam completamente nus. Observei ao amigo que me acompanhava que me parecia pouco decente e moral semelhante costume (não era a primeira vez que eu o notára), tão diverso do que se via em paizes aliás menos morigerados que a Irlanda, como em França e na Italia. A resposta que me deu foi que era prova de moralidade o que se me afigurava ser falta d'ella, e em apoio da asserção um tanto paradoxal referio-me que em um collegio de Irlanda dirigido por ecclesiasticos tinha havido, fazia pouco, um conselho entre o superior e os professores para decidirem se se devia permittir aos collegias a continuação do costume a que acima alludo ou se se lhes devia prescrever que usassem de uma especie de calção curto ao banhar se juntos. Depois de alguma discussão, a decisão final foi que se não alterasse a antiga uzança, pois *por experiencia* sabiam que os alumnos não viam na referida uzança o menor mal nem ella lhes suscitava idea menos honesta, ao passo que a modificação alvitrada daria facilmente lugar a que elles pensassem no motivo por que lh'a ordenavam. E deixaram-os continuar como antes. Calei-me se não fiquei completamente convertido, fiquei gratamente admirado d'esta simplicidade de costumes, nada parecida com a de outras terras.

A necessidade obriga algumas vezes o filho ou a filha de familia a seguir uma profissão menos considerada na sociedade, mas nem por isso abandona as praticas de educação recebida no lar domestico, e quantas vezes debaixo dos bigodes postigos de um actor e do traço leviano de uma cantora de *café chantant* existem christãos que se confessam mais que uma vez ao mez! Oiga o leitor o seguinte facto. Elle succedeu ha quinze dias. Tenho sobre a banca o «*Catholic Times*,» de Dublin, que o descreve. Revela de um modo tocante o caracter talvez unico do bom povo irlandez.

Annunciou-se um «Concerto» que devia realisar-se no Orpheon de Dublin. A principal cantora era uma *lady* escripturada n'uma celebre companhia dramatica irlandeza, e tida e havida por uma vocalista de nome. Foi applaudida em tudo quanto cantou; no «Carnaval de Veneza» cobriram-na de *bouquets* e

de ovações. Ora no dia seguinte um amigo de um prior da igreja de ... foi visital-o. O prior tinha na mão uma carta. Ao chegar o senhor... disse-lhe: «deixe-me ler-lhe esta carta que acompanha o *bouquet* que vê alli em cima da meza. Penso que a sua leitura o edificará como a mim:

«Caro padre! Um cavalheiro presenteou-me na noite passada com esse ramilhete ao eu cantar no Orpheon o *Carnaval de Veneza*. Se entendeis que elle ainda está bastante viçoso, rogo-vos que tenhais a bondade de o depôr na vossa igreja, aos pés do altar do Sagrado Coração de Jesus. Folgo de que continueis a gozar vigorosa saude. Vossa etc.»

Em *post-scriptum* lia-se o seguinte. «Envio-vos esta carta com o *bouquet* que a acompanha, porque não vos vi na igreja esta manhã á missa das seis horas. *I did not see you at six Mass this morning.*» De sorte que a celebre cantora tinha tomado parte n'um concerto que durára sem duvida até á meia noite pelo menos, e não obstante levantára-se para ir ouvir a missa *matinal* das seis horas!... Deixo sem commento algum este lance caracteristico de religiosidade irlandeza e offereço-o á admiração dos catholicos da minha cara patria.

Breve largarei a Irlanda, mas não lhe direi *adeus senão, até á vista*. N'alguma das minhas ferias livres voltarei a respirar a pura atmosphera da verde Erin e a deliciar-me nos costumes d'estes bravos filhos da catholica Hibernia, dos quaes se pode dizer o que Newman dizia de Pio IX: conhecê-los é amal-os.

Concluirei no proximo numero.

Dublin, 18 de setembro.

P.º SENNA FREITAS.

Sacção Religiosa

CARTA PASTORAL

DO EX.º MO E RRV.º MO SR.

ARCEBISPO DE BRAGA,
PRIMAZ DAS HESPAÑHAS

DOM JOÃO CHRYSOSTOMO DE AMORIM PESSOA

Publicando o jubileu concedido pelas lettras apostolicas em fórma de breve

MILITANS JESU CHRISTI ECCLESIA

DO

SS. PADRE LEÃO XIII

(Continuação)

Se Deus Nosso Senhor permite, que a sua Igreja soffra em certas epochas uma perseguição mais forte, mais cruel, mais geral e pronunciada, é para que da victoria certa resulte maior gloria ao seu Santo Nome, esperança mais solida, co-

ragem mais heroica nos soldados da milicia christã, e desengano mais profundo n'aquelles, que se declaram inimigos das verdades da nossa fé. Se Deus Nosso Senhor permite algumas vezes estas duras perseguições, é não só para que d'ellas resulte maior bem, por meio da provação das almas verdadeiramente christãs, mas tambem para o inteiro, e a nossos olhos tão admiravel cumprimento dos decretos da sua eterna sabedoria.

Emquanto que em algumas nações da Europa, e da Europa catholica, leis de excessivo rigor contra a Igreja, arbitraria e violentamente expulsam do seu territorio milhares de sacerdotes, e ministros do Culto Catholico, prohibindo-lhes expressamente, que possam cumprir a missão divina do sacerdocio christão, como por Jesus Christo lhe fora ordenado, quando mandou seus Apostolos ensinar a todos os povos da terra as verdades da vida eterna (1) e a boa nova do Evangelho; outras nações recebem jubilosas estes operarios famosos da grande vinha do Senhor.

O oriente lhe abre as suas portas, o Imperio Ottomanico os acolhe com amor, e a Africa, que em outros tempos tanto florescera com a religião Catholica, e aonde no jardim da Igreja tantos homens grandes se fizeram notar; a Africa que actualmente é o objectivo das vistas politicas das grandes nações da Europa; a Africa tem hoje sacerdotes promptos e devidamente preparados para a christianisarem, para a civilisarem, e para renovarem os bellos tempos dos Cyprianos, dos Agostinhos e de outros heroes famosos, que ainda são a gloria da Igreja Catholica, e dão testemunho incontestavel do esplendor, com que brilhou n'ella o catholicismo.

Como Deus é grande e admiravel em todas as suas obras!—Como são allissimos e reconditos os seus juizos! (2)

Foi tão grande e agradavel a impressão, que nos povos Slavos produziu a inscripção solemne no catalogo dos santos dos nomes de Cyrillo e Methodio, que, no seu entusiasmo religioso, superiormente inspirado, mais de tres mil d'estes christãos, tomando o bordão de peregrinos vieram a Roma—visitar o tumulo dos Santos Apostolos,—agradecer ao Summo Pontífice esta graça tão apreciavel, e por tantos seculos sempre desejada.—e dar ao mundo christão testemunho irrecusavel do seu amor de filhos obedientes e dedicados, da pureza da sua crença religiosa, e da generosidade da

sua fé, que fora pré-gada a seus paes por Cyrillo e Methodio, certamente os mais celebres e mais famosos entre os missionarios ou apostolos d'aquelles povos.

E o Santissimo Padre Leão XIII na alegria indefinivel do seu coração, quasi sempre afflicto e magoado, nos conselhos da sua grande prudencia, da sua inconcristavel sabedoria, e na longa experiencia da sua vida inteiramente dedicada aos verdadeiros interesses da Igreja de Deus, recebeu esta numerosa peregrinação, na qual se achavam incorporados tantos prelados eminentes pela sua sciencia e virtudes christãs, tantos principes e homens nobres e respeitaveis, de um modo todo particular, fazendo tudo quanto lhe foi possivel nas condições em que se acha, a favor e em obsequio da ciencia pura, da fé generosa d'esta tão famosa peregrinação. Encerrado no palacio do Vaticano, do qual, segundo os conselhos da sua prudencia, não tem saído desde a sua elevação ao Pontificado, e não poderá ainda sair sem perigo, como infeliz e sobejamente demonstraram os tristes e lastimosos como censuraveis acontecimentos da noite de 13 de julho ultimo, por occasião da trasladação dos restos mortaes do Santo Padre Pio IX; não, o Santissimo Padre Leão XIII, o Vigario de Christo na terra não deixou de fazer tudo, quanto podesse confirmar a fé, e afervorar a piedade d'aquelles povos, que tão grande e proveitoso exemplo têm dado aos fieis espalhados por todo o mundo.

(Continúa).

TRATADO

DA

RELIGIÃO EM GERAL

(Continuado do n.º antecedente)

ARTIGO II

A religião é necessaria a sociedade

XVI

O homem nasceu para a sociedade; o estado social é natural ao homem, visto como não pode criar-se nem conservar-se senão na sociedade. As suas necessidades, as suas faculdades, as suas tendencias, as suas inclinações, tudo, no homem, justifica esta palavra do Creador: Não é bom que o homem esteja só; *Non est bonum esse hominem solum* (1). D'aqui a instituição do matrimonio, do qual nasceu a familia ou a

sociedade domestica; depois a sociedade civil, que não é outra cousa que o envolvimento da familia; depois a sociedade geral, o genero humano, que é a grande familia cujo chefe é Deus. Aos olhos de um christão, diz Tertulliano, o mundo inteiro é uma vasta republica que abrange todos os homens; *unam omnium rempublicam agnoscimus mundum* (1). Além do que, segundo o atesta a historia de todos os povos e de todos os tempos, os homens viveram sempre em sociedade, prova de que o estado social é condição natural do homem.

XVII

Ora a religião é o principal fundamento da sociedade; os salios da antiguidade assim o reconheceram. Quem destrua a religião, diz Platão, destrua o fundamento da sociedade humana; *omnis humanae societatis fundamentum, convellit, qui religionem convellit* (2). Segundo Xenophonte, «as cidades e as nações mais consagradas ao culto divino foram sempre mais duradouras e mais sabias (3).» Plutarco não é menos explicito: «É mais facil, diz elle, fundar uma cidade nas nuvens, que constituir um Estado sem crença dos deuses (4).» Nós vemos realmente, em todas as nações antigas e modernas, as leis civis sancionadas pela religião; o que fez com que Rousseau dissesse que *nunca foi fundado Estado algum, que a religião lhe não servisse de base (5)*; e Voltaire: *onde quer que haja sociedade constituída, ha de haver necessariamente religião (6)*. Não ha legislador algum que não tenha chamado a religião em auxilio da politica. «As leis de Minos, de Zaleucus, as das Doze Taboas, assentam inteiramente no temor dos deuses. Cicero no seu tratado *das Leis*, põe a Providencia como base de toda a legislação. Numa fizera de Roma a cidade sagrada, para fazer d'ella a cidade eterna... Tirai a religião á massa dos homens, com que a substituireis? Quem não estiver preocupado do bem, estal-o-ha do mal; o espirito e o coração não podem permanecer vazios. Quando já não houver religião, já não haverá patria nem sociedade para os homens que, recobrando a sua independencia, abusarão d'ella com o direito da força. Sobretudo nos Estados livres é que é necessaria a religião. *Ahi*, diz Polybio, para não prevalecer a necessidade de dar a certos homens um poder perigoso,

(1) *Evntes docete omnes gentes.* — *S. Math. 26.*

(2) *O altitudo divitiarum sapientiae et scienciae Dei, quam incomprehensibilia sunt iudicia ejus, et investigabiles viae ejus.* — *Ep. ad Rom. cap. 11 v. 33.*

(1) Genesis, c. 11, v. 18.

(1) Apolog., c. xxxviii.

(2) Liv. x, das Leis.

(3) De Socrates.

(4) Contra Colotas.

(5) Contrato social, liv. iv, c. viii.

(6) Tratado da Tolerancia, c. xx.

ha de reinar o maior temor dos deuses (1).

XVIII

Mas vejamos mais particularmente a razão por que a religião é necessaria á sociedade. O homem tende para a felicidade, quanto goza pacificamente dos bens que preenchem a avidez dos seus desejos, quanto elle é feliz. O mesmo succede com a sociedade; esta tambem quer ser feliz, e é o realmente tanto quanto gozar em socoço dos bens que correspondam á sua actividade, á sua energia natural; tanto quanto houver chegado ao estado de paz e tranquillidade, que é a expressão da ordem e da prosperidade publica. Mas não pode haver ordem social sem que haja unidade, visto como a sociedade consiste na união de seus membros; ella mesma não é outra cousa que a reunião de seres semelhantes que tendem para o mesmo fim: onde não ha unidade, ha separação, deslocação, opposição, resistencia, desordem e soffrimento; o que é incompativel com a felicidade. Para que haja unidade social, é mister cada parte ordenar-se com relação ao todo, cada individuo com relação á familia, cada familia com relação á sociedade, ao Estado a que pertença. É para isto é necessario que haja subordinação, uma hierarchia que estatua em uns o poder de mandar, e em outros a obrigação de obedecer. Não ha sociedade possivel, seja qual fór a sua forma constitutiva, não havendo um chefe que governe e subditos que sejam governados: *ubi non est gubernator, populus corrueit* (2). É precisa pois uma constituição que forme o direito publico do paiz, uma carta que exprima as relações dos subditos e do poder. Além d'isto, é necessario, para a manutenção da ordem, que as relações do individuo com a familia e dos cidadãos entre si sejam reguladas em conformidade com os direitos da natureza e com as regras da equidade; logo são necessarias leis civis que sejam a expressão d'essas mesmas relações. Mas as leis humanas não podem attingir as acções todas do homem; ha virtudes, a dedicação sem reserva sobretudo, que ellas mandariam debalde; ha cousas mais ou menos immorales, desordens mais ou menos prejudiciaes á sociedade, que ellas não punem nem poderiam punir: Logo, além das leis civis, são necessarias outras que regulem os pensamentos e affeições que são o movel de todas as acções; leis moraes que formem os costumes, e venham a ser a garantia mais segura que nós possamos ter da probidade dos homens. Assim, cons-

tituição, leis, costumes, taes são as tres condições indispensaveis para a constituição, conservação e prosperidade d'uma sociedade.

(Continúa).

V. de P. P.

Secção Artistica

O meu pensar acerca das artes portuguezas no seculo XIX

(Continuação)

VI

A nossa doença artistica, segundo o diagnostico que acabo de formular, é grave, e tão grave, que, datando já de bastantes annos, parece dever ser incluída no numero das *chronicas ou incuraveis*.

Não vale, porem, desanimar, embora as difficuldades, que surgem, pareçam insuperaveis; — os esforços heroicos, sendo bem dirigidos, podem muito, podem muitas vezes operar *quasi milagres*, e eis porque eu estou, plenamente convencido, que, se a pleiade insigne dos nossos artistas continuar a percorrer com bons auspicios a senda encetada, se o governo e todos os que prestam o bem da patria lhes prestarem o seu auxilio, ella poderá levar os de vergonha, e levantar as artes do vergonhoso abatimento, em que tem jazido, até ao seu pristino fulgor.

A doença não é *chronica*, nem *incuravel*; não faltam remedios para combatel-a victoriosamente. — Indicarei alguns.

1.º—Ninguem ignora que muitas vocações se encontram no paiz para as artes, assim como para as sciencias, não obstante ser, semelhante respeito, meos justamente avaliado por alguns escriptores estrangeiros, que nem sempre são exactos nos juizos que formam, quando d'elle se occupam; e tambem ninguem ignora que a maior parte d'ellas não são aproveitadas por serem desconhecidas; — pois bem, procurem-se, á semilhança do que se practica na Italia e outros paizes, essas vocações, e aproveitem-se, desde logo, dirigindo-as pelos verdadeiros caminhos.

Para se conseguir, porem, isto é necessario emprehender uma cruzada; e, comquanto pareça extranho a muitos o que vou a dizer, não creio, que seja cousa impossivel, nem indigna.

N'esta, assim como em muitas outras cruzadas, é o clero quem pode prestar mais valiosos serviços, visto mais de perto tractar com todas as classes sociais, e melhor poder conhecer as suas aptidões e necessidades. Mas para o desempenho perfeito d'este munus é, por-

sem duvida, necessario, que o clero seja, competentemente, illustrado; que, além do solido conhecimento das sciencias divina e humana, que mais de perto lhe dizem respeito, possua um conhecimento, posto que leve, das artes, e em especial da sua historia; da sua importancia; para obtel-o basta, que, em vez do estudo da mathematica, que, actualmente, lhe é exigido por lei, lhe seja exigido o do desenho, junctamente com os principios elementares da historia das artes, da sua importancia etc. (1)

Este ensino, segundo a minha opinião, deve generalisar-se, em maior ou menor escala, a todos os individuos, que aspiram a occupar um logar importante na sociedade. (2) Hoje todo o homem necessita ser encyclopedista, mas encyclopedista no verdadeiro sentido, e muito principalmente o clero, que tem de defender a doutrina, que prega, dos ataques de muitos e diversos inimigos, que o acercam; necessita ser encyclopedista, porque só assim poderá combater com argumentos irrefragaveis os erros dos seus adversarios, e fazer com que a verdade brilhe com toda a sua pureza.

De todas as classes a do clero é, incontestavelmente, uma das que mais serviços tem prestado á sociedade, e presta ainda, desde que, collocando-se na sua verdadeira altura, cumpre, rigorosamente, a sua missão; — d'outra forma ella é o maior flagello com que pode ser atormentada a mesma sociedade.

Hoje move se-lhe porflada e incessante guerra em todos os confins do mundo; apoda-se de inimiga da civilização e do progresso; considera-se como o Deus do Mal, e almeja-se afugentar, pouco a pouco, o seu benefico influxo do meio da sociedade.

A historia contemporanea, de sohejo, patenteia este supremo *desideratum*, e junctamente as funestas consequencias,

(1) Até 26 d'abril de 1877 eram obrigados a fazer exame do 1.º anno de desenho do curso dos lyceus todos os alumnos que se destinassem nos cursos theologicos dos seminarios, ou ás faculdades de theologia e Direito. — N'essa epocha, porem, o governo, querendo proteger um *afilhado*, que, segundo dizem, não tinha habilidade para *pintar bonecos*, houve por bem dispensar o referido exame não só aos *theologos*, mas tambem aos *juristas*.

(2) O ensino artistico (*é vergonha dizel-o*), ministrado, actualmente, em todos os estabelecimentos de instrução superior, se exceptuarmos as Academias e os Institutos, reduz-se a ligeiras noções de desenho linear, noções de perspectiva e d'architectura, theoria de sombras, etc.

Nos de instrução primaria ensina-se a desenhar *panellas*, *cafeteiras* e *regadores* etc. e um outro *ornadinho*, um ou outro *bonequinho*, que se emoldura (*com moldura dourada, já se sabe!*), e se e. loca nas salas á admiração dos *babosos* paes, e á lisonja dos visitantes!

(1) Partalis, *Discurso acerca da organização dos cul.os.*

(2) Proverbios, c. xi, v. 14.

que da sua parcial realisação tem já resultado.

Entre nós não é já diminuto o numero dos inimigos do clero. Na sua maior parte não pertencem, ás classes illustradas, mas ás que, tendo uma tinctura de sciencia, colhida em meia duzia de *jornalecos*, onde tudo apparece adulterado, e uma critica sem base solida, desconhecem a importancia d'essa classe, combatem a religião, que não estudaram, nem entendem; e, firmados em abusos, proclamam a inutilidade!

Infelizmente, d'aquella e d'esta! porém, o nosso clero (*esta é a triste verdade*) não segue o nobre exemplo do clero da França, da Belgica, da Hespanha, da Italia, da Allemanha e outros paizes: vive, em geral, pobre, sem garantias de presente e de futuro, sem liberdade d'acção, desunido, exposto á irrisão, ás iras e aos insultos de qualquer individuo da mais infima classe social, e... não ousa mover-se!

Muitas causas o tem reduzido a semelhante estado; mas a principal, a meu ver, provem de não se compenetrar do que vale, e do que póde; em não se associar, como fazem todas as classes, incluindo as mais infimas, não só para o seu proprio bem, mas ainda para o de todo o paiz.

Ao clero cabe a honra de ter sido o fundador dos *Montes Pios*; e entre nós o clero não possui nenhuma instituição d'esta especie, apesar dos esforços, que, em diversas epochas, têm sido empregados por alguns dos seus distinctos membros!

Na Belgica, na Hespanha, na Allemanha, na Italia, na Hollanda e outros paizes do clero, junctamente com os fleis, tem formado os denominados *partidos* ou *uniões catholicas*, que tantos beneficios tem já produzido em favor dos Estados e da Igreja; entre nós a formação d'um *partido* ou *união*, que todos reconhecem ser não só util mas necessario, não passa para uns d'um crime de *lesa religião*, e para outros d'um sonho, que conhecem não poder *por enquanto ter realisação*. (1)

(Continúa)

P.º ALFREDO ELVIRO DOS SANTOS.

(1) No começo do corrente anno occupou-se a nossa imprensa religiosa da necessidade da formação d'um *partido* ou *união catholica* em Portugal.

Todos os jornaes reconheceram essa necessidade; só a *Nação*, órgão do partido legitimista, não concordou enquanto ao modo da sua organização; e assim todos os esforços dos Ex.ªs Srs. Dr. Luiz Maria da Silva Ramos, P.º Sena Freitas, Conde de Samodães, Antonio Augusto d'Almeida Silvano, dignissimos redactores dos excellentes jornaes—*A Cívica*, *A Progresso Catholico*, *A Pa-*

Retrospecto da quizeima

Mais um novo levita veio engrossar ás raras fileiras dos trabalhadores na villa do Senhor. O nosso amigo Antonio Garcia Guimarães cantou a sua primeira missa no dia 4 do corrente na capella dos terceiros franciscanos, na festividade do Seraphico Patriarcha.

Ha poucas cerimonias que tanto commovam um espirito christão como esta a que assistimos e de que fallamos; por que ás alegrias que vão no céu entre os anjos cazam-se as alegrias de uma familia, que vê elevado á jerarchia ecclesiastica um membro seu. E de feito, a nós, que somos catholicos, que comprehendemos o coração da mulher christã, quer-nos parecer que não houve a na terra, para uma mãe, felicidade maior que esta que experimenta quando vê as tuvas enovelar-se, e distendei-se depois, placidas, devotas, para beijar a mão de seu filho, revestido com as vestes sacerdotaes! Por isso, d'este logar, enviamos mil parabens á mãe do nosso amigo e a todos os seus, reservando para elle um abraço logo que o tenhamos junto de nós.

Foi orador o rev.º padre Borges, de Basto, vindo de Braga expressamente para este fim. Fallar do sermão, quando se conhece o assumpto a que havia prender-se o orador, é escusado: basta dizer que s. s.ª se mostrou decidido defensor da fé e amigo do novel levita.

Seguiu-se um jantar no palacete das Hortas, a que nao podemos assistir, com pezar nosso, de que pedimos desculpa ao nosso amigo.

Atarefado em fazer o indice para o *lavra*, *A Ordem*, e ainda os d'outros fervorosos catholicos, ficaram neutralizados.

O *Commercio do Minho*, órgão do partido legitimista, n'esta cidade de Braga, tambem appoiou a maioria dos seus collegas; mas tem, ultimamente, reconhecido certas dificuldades, como o seu presado collega o *correligionario—A Nação*.

Ha dias publicou ainda um artigo ácerca de semelhante assumpto (n.º 1276) o sr. D. M. S., onde persiste em combater o modo da organização, apresentado pela maioria dos jornaes catholicos; mas, além de ser injusto, pondo em duvida a sinceridade e a boa fé dos seus adversarios, não apresenta dificuldades que não tenham já sido resolvidas victoriosamente.

Por maiores obstaculos que os partidarios da *idéa velha* e os de *idéa nova* procurem impedir a formação de tal *partido* ou *união*, não lograram, segundo creio, o seu intento, pois que ella já hoje tem achado bom acolhimento na maior parte dos catholicos; mas para isso é necessario, além de palavras, obras; é necessario, que os seus iniciadores, além de artigos excellentes, procurem, á similhaça d'um *Alberto Alim*, instruir o clero e os fleis, e fazer-lhes comprehender a necessidade que têm de trabalhar por um partido, que sómente busca o seu bem *epi. tual e material*, e... nada mais.

3.º volume do *Progresso Catholico* não podiamos, ainda que quizeramos, tomar parte nas alegrias de sua familia e dos muitos amigos que a ella se juntaram.

Desculpa, pois, bom amigo a minha falta, e creê na sinceridade com que te dou os parabens.

Realizou-se no dia 25 na igreja da Estrella, em Lisboa, a saagração do novo arcebispo de Goa, o Ex.º e Rev.º Sr. D. Antonio Sebastião Valente. Foi sa-grante o rev. nuncio de Sua Santidade, tendo por assistentes os snrs. Arcebispo de Mitylene e bispo de Cabo Verde. A esta imponente cerimonia assistiu grande numero de pessoas parentes e amigos do illustre prelado, notando-se entre ellas o sr. dr. Valente, pai do rev. primaz, e outros membros de sua familia, ministros da marinha e das obras publicas, bispo de Bragança, professorado das missões ultramarinas, dr. Eduardo Nunes, representando a faculdade de theologia, visconde da Praia Grande de Macau, dr. Viegas, Carlos Testa, capitão de artilheria Zeferino Brandão, André Meirelles, prior da Magdalena e outros cavalheiros.

Estão, pois, satisfeitos os desejos dos catholicos portuguezes e com especialidade dos catholicos da india portugueza, que foram escutados em suas orações.

E satisfeitos estão tambem os desejos do liberalismo de Coimbra, ou antes da maçõnaria comimbricense, porque vê confirmado pela Santa Sé aquelle que apontaram como digno de occupar a cadeira primacial do Oriente. Sim, a associação liberalesca de Coimbra, dizendo que Monsenhor Valente era jesuita, e catholico puro, é que tinha desejos de que elle fosse confirmado no alto cargo para que o nomeara o governo, é por que era *amigo intimo* de S. Ex.ª Rev.ª porque a não ser assim, nao querendo vêr a sua confirmação, diriam que S. Ex.ª Rev.ª era membro da dita associação, que tinha dito cousas e lousas, na cadeira de lente da Universidade contra a rainha Santa Izabel, etc., etc., etc.

Se dissessem isto, com certeza a Santa Sé o deixaria para confirmar nas calendras gregas; ora agora dizer o que disse a dita associação era pedir a breve confirmação.

Perderam a partida, senhores liberasas, mas ganharam a nós, os catholicos, e por isso d'aqui enviamos mil parabens ao novo Primaz do Oriente e a toda a sua familia.

O nosso collega do *Commercio do Minho* dá-nos a seguinte noticia, que transcrevemos com prazer:

«No dia 23 todos os ordinandos em numero de cento e tantos foram ao Samedeiro acompanhados de Monsenhor Re-

bello de Menezes em devota peregrinação. Era na realidade edificante o ver aquelles jovens levitas irem prostrar-se ante o altar de Maria Santissima antes do dia da recepção das sagradas ordens.

Celebrou missa resada na capella do Sameiro Monsenhor Rebello e todos os peregrinos communharam.

Por essa occasião o celebrante lhe dirigiu uma breve allocução pedindo-lhe tomassem a Santissima Virgem por modelo de seu sacerdocio, e pedindo á Santissima Virgem abençoasse aquelles que iam ser ministros de Seu Divino Filho, para continuarem a Obra que Elle veio começar no mundo — a salvação das almas.

Entregaram depois na thesouraria respectiva a quantia de 555500 reis, provenientes da collecta que entre si fizeram para este fim.»

Cento e tantos padres carolas, jesuitas, ultramontanos, temos mais n'este mundo! dirão os liberastas, os que tremem diante da batina de um padre! E nós, que não somos, louvado Deus, liberaes nem cousa que a isso se apparente bem dizemos os novos levitas e o seu illustrado e virtuoso director Monsenhor Rebello de Menezes por irem, no alto do Sameiro, prestar respeitoso preito áquella sob cuja protecção este reino viu épocas de prosperidade e gloria.

Ávante jovens ministros de Jesus Christo, e fazei por serdes, em cada terra para onde fordes cada um de vós, um segundo Monsenhor Rebello de Menezes, e bem merecereis da religião, da patria e da humanidade.

Por vezes tem sido insultado em Lisboa, na capital da monarchia portugueza, o Nuncio de Sua Santidade!

Não deve admirar-nos, porque n'este paiz, que mostra nas dobras da sua bandeira as cinco Chagas de Christo, de ha muito governa o liberalismo, e este, como diz o auctor do *Liberalismo Desmascarado*, não é outra cousa mais nem menos que a maçonaria, mascarada com o nome pomposo de liberalismo.

Portugal, cuja real familia está aparentada com a de Italia, deve seguir o exemplo da canalha que em Roma insulta o Papa.

Mas Deus mudará as cousas quando lhe approuver como tem feito em outros paizes.

Quando a perseguição contra os catholicos na Allemanha se apresentava medonha, ameaçando tudo, tudo tentando derrocar, parecia que o poder d'esse imperio, que calçou a França, que levára triumphante atravez a cidade de Paris as hostes victoriosas do príncipe Frederico Carlos, não tardará muito em levar o terror, ao clarão do facho medo-

nho da guerra, ás praças e ruas da cidade dos Papas. A coragem evangelica dos bispos, a dedicação dos leigos fizeram o contrario. Bismark curva-se reverente ante o Papa e o seu embaixador, o sr. Schlotzer, enviado a Roma em missão especial conferencia com o Santo Padre perto de uma hora e retira-se commovido, satisfeito, em vista do cordeal acolhimento que o Pae de 200 milhoes de crentes lhe dispensara.

Os jornaes inimigos do Papa e da ordem geral das nações gritam contra Bismark, dizem que elle fora á *Canossa*, que se ajoelhára diante do Papa, quando os socialistas lhe fogem, etc., etc. Mas as relações entre as duas cortes estão restabelecidas e restabelecida será a ordem no imperio allemão.

—Um telegramma enviado a Roma dava conta da imponente peregrinação feita á Virgem de Monte Berico, na Italia, composta de cento e vinte mil pessoas, entre as quaes havia cardeaes, patriarchas, bispos, etc., etc. Quando Monsenhor Agostini, circundado pelos bispos, deu a benção papal, aquellas cento e vinte mil boccas soltaram entusiasticas vivas á *Maria, Leão XIII*, ao *episcopado*. Foi um delirio, uma expansão de santas alegrias como poucas vezes se tem observado.

—O auctor de um infame folheto escripto ha pouco em Paris contra a memoria de Pio IX, foi multado com a somma de cem mil francos, quantia que o sobrinho do chorado Pontifice, em nome de quem foi feita a querella, o conde Mastai-Ferreti, fez entrar no cofre de algumas casas de caridade.

—Entre as ultimas conversões realizadas em Inglaterra para o catholicismo contam-se a do rev.^{mo} L. L. Burgh, e a de mais tres ministros ritualistas ha pouco chegados de Roma.

Segundo o *Catholic Times*, de Londres o rev.^{mo} Sankey, ministro de Leicester, entrou no seio da Igreja catholica.

Louvemos a Deus, que não deixou ainda acabar a sua Igreja, como tanto desejam os *palermas* que por ahi abundam!

Damos aos leitores a agradável noticia de que Sua Santidade se dignou prorrogar o prazo para se alcançar o jubileu extraordinario até ao dia 8 de dezembro. Corramos todos a aproveitar-nos d'esta occasião para pedir pelas necessidades da Igreja, de seu Vigario, e da sociedade em geral, que grave risco corre de perder-se.

Publica-se no Funchal um pasquim tão estupidamente indecente, quanto asquerosamente immundo, que não gosta do bispo da Madeira, o virtuoso, o illustrado, o apostolo D. Manoel Agostinho

Barreto; que não gosta dos missionarios, dos jesuitas, das irmãs de caridade. E porque será que o tal cousissima nenhuma não gosta de tudo isto?

E' porque o Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. bispo D. Manuel Agostinho Barreto vizita a diocese e reparte os dons da graça pelo seu rebanho: é porque os missionarios, os jesuitas, fazem missões, que dão fructos abençoados; é porque se fazem restituções do alheio, congraçam-se as familias; dulcificam-se os costumes etc. etc.

Na *Verdade* excellente e illustradissimo jornal madeirense encontramos a seguinte noticia, que vamos transcrever:

«Fallar das missões que se tem feito nas freguezias de Leste da Ilha da Madeira é narrar uma serie de glorias e triumphos da fé catholica sobre a indifferença religiosa e o erro.

Os Rvd.^{os} Padres Vilella e Ernesto Schmitz percorreram as freguezias do Caniço, Gaula, Santa Cruz, Machico, Santo Antonio da Serra e Porto da Cruz prégando a palavra de Deus aos povos, chamando os filhos á obediencia, os paes á clemencia, os esposos á mutua fidelidade e todos os homens ao cumprimento da Lei de Deus.

O numero de restituções do alheio foi crescido em todos os logares, onde se exerceu o ministerio do pulpito e do confissionario

O Rvd.^o Padre Schmitz dizia missa de manhã e fazia uma pratica sobre os deveres do christão. Seguia-se, nos dois ultimos dias, o cumprimento do Jubileu promulgado pelo SS. Padre Leão XIII. Cantavam-se hymnos ao Senhor e entoavam-se canticos piedosos, que eram iniciados pelos sacerdotes e terminados pelo povo, o que produzia bello effeito. De tarde havia a recitação do Terço de Nossa Senhora, praticas sobre os Mandamentos da Lei de Deus e um sermão sobre qualquer vicio ou virtude.

No fim do sermão, depois de entoados alguns canticos, revertiam os dignos Missionarios ao confissionario, onde alliviavam muitas almas do peso de seus peccados.

Não se imagina o bem que faziam aquelles ministros de paz no seio dos povos, as restituções que por toda a parte se deram e as reconciliações que se operaram.

Muitos pleitos foram terminados nas sacristias e nos adros das egrejas.»

Eis a razão porque a *Voz do... Povo* não gosta de bispos, padres, etc., etc.

Tambem nós não gostamos do dito pasquim e os nossos peccados fazem que aturemos a sua visita uma vez por outra!

No dia 29 de setembro em algumas terras do reino celebraram-se missas pelas necessidades de Portugal e da França.

Sublime idéa, que não pôde deixar de merecer a approvação de todos os homens que prezam as grandezas da pátria e da religião.

Em Lisboa celebraram-se missas na igreja dos Anjos, na capella dos snrs. condes de Redinha e na capella conventual de Aroios; em Braga na igreja do Hospital de S. Marcos, e em Guimarães na Insigne e Real Collegiada de Nossa Senhora da Oliveira.

Que Deus, escutando as preces dos portuguezes que no dia 29 se prostraram junto dos altares, faça desaparecer as desgraças que peçam sobre os dois paizes, é o que nós, catholicos apostolicos romanos, desejamos do fundo d'alma.

Tivemos noticias da China, que estimamos deveras por nos fallar de pessoas conhecidas. Dizem nos que os rev.^{mos} missionarios padre Medeiros e padre Sebastião estavam para partir de Macau no dia 9 d'agosto, ficando alli o rev.^{mo} padre Carlos Ferreira Baptista, que fôra nomeado parochio de S. Lourenço. Deve-se a este zeloso sacerdote o acabamento de um costume pouco edificante entre povos catholicos.

Era costume acompanhar os enterros de chapéu na cabeça, sem nenhum respeito pela cruz que se alçava na frente do prestito. Graças, porém, ao zelo do rev.^{mo} padre Ferreira esse costume vai terminando e os enterros toem já um caracter catholico.

Bem haja quem tão bem sabe cumprir os seus deveres sacerdotaes.

J. DE FREITAS.

BOLETIM DO MONUMENTO

PIO IX, O GRANDE IV

Adhesões ao protesto

Da Associação Clerical Vimaranesse

«Ex.^{mo} Snr.

Levo ao conhecimento da commissão installadora do monumento ao SS. Padre Pio IX da qual V. Ex.^a é muito digno presidente, que a direcção da Associação Clerical Vimaranesse, em sessão de 3 do corrente, resolveu, por unanimidade, adherir ao protesto que essa mesma commissão mandou para Roma, execrando a infamia e barbaros attentados praticados ali por occasião da trasladação dos restos mortaes do Pontífice Santissimo.

Essa commissão, ex.^{mo} sur., já a priori tinha protestado contra todos os insultos e infamias que podessem dar-se

contra a pessoa do sagrado Pontífice, de insultarem um cadaver em nome da liberdade, que ultrajam e golpeiam, os esultos mandatarios d'uma tyrania sanguinaria e feroz, que a mais selvagem cruexa condemna e repelle; não pode, nem quer emudecer. Não pode, nem quer emudecer diante da maior ignominia d'este seculo, expressa, alem do que a imaginação de mais abjecto e inhumano alcança, nos ultrajes obscenos às cinzas de um morto: e de um morto, que era na terra a personificação fulgurante da virtude, o typo adoravel dos martyres, a egide inquebrantavel do dogma e da doutrina, o presidio invencivel da moral, sobranceiro sempre às tempestades satunicas em abrigo prompto e seguro da innocencia perseguida.

E, se esta Associação accitou, e pertence a idéa do monumento, associando-se seus membros ao grande empreendimento, cuja realisação anhelamos, agora tambem se associa e adere ao protesto mencionado.

Guimarães, casa da Associação Clerical Vimaranesse 18 de setembro de 1881.

Ex.^{mo} Snr. Presidente da commissão installadora do monumento a Pio IX.

O Presidente, o conego João Ferreira Mendes d'Abreu.—Vice-presidente, Padre Antonio Joaquim Teixeira.—Padre Domingos Ribeiro Dias—Padre Eugenio da Costa Araujo Motta—Padre Antonio Joaquim Vieira—Padre João de Castro Meirelles.»

Da Conferencia de S. Vicente de Paulo

A Conferencia de S. Vicente de Paulo em Guimarães assentiria com indecência a uma duvida deshonrosa e degradante, lançada immerecidamente sobre os sentimentos de piedade, que devem totalmente possuil-a, como inspiradores e seguranga publica da sinceridade, com que permanentemente se devota a abençoada missão humanitaria, fim precioso e indispensavel de seu proposito christão; se ante o attentado inaudito, manifestação immunda e hedionda da mais insensata e depravada furia dos perversos demolidores sociaes; e a par do vehemente protesto, lavrado eloquentemente pela benemerita commissão do monumento catholico à venerada memoria do inclito e inexcedivel Pontífice, o heroico Pio IX: se omitisse por notada excepção, como tibia e remissa, na adhesão positiva e expressa a esse desaggravo, que pelo contrario sente completa e energica, quanto é profunda e firme a sua dedicacão á Cadeira Magistral do Principe dos Apostolos.

Não, esta associação puramente christã, que se exalta e anima com o nome, exemplo e patrocinio, do seu estreado patrono, S. Vicente de Paulo, firme na fé, que a sustenta; inabalavelmente convicta da sanctidade d'uma causa, que abrange os mais transcendentos interesses humanos no tempo e na eternidade; forte pela rectidão de suas intenções, e segura na evidencia da justiça, em que se apoia, de cuja demonstração se fizeram cargo vil pelo absurdo asqueroso

que era na terra a personificação fulgurante da virtude, o typo adoravel dos martyres, a egide inquebrantavel do dogma e da doutrina, o presidio invencivel da moral, sobranceiro sempre às tempestades satunicas em abrigo prompto e seguro da innocencia perseguida. De um morto, que em vida e nas vicissitudes mais dolorosas e iniqvas, nas alternativas mais imprevisas e allrontosas, nos lances mais fraudulentos e temerarios, afirmou sereno e inalteravel ao mundo, absorto e captivado pela coragem intemerata, pela resistencia constante e imperturbavel, d'um heroismo celestialmente inspirado, aquella soberania inegualvel; por que universal, impreterivel e impercível; aquella soberania, tão certa no mundo do espirito, imperando nos corações, como a gravitação dominando o movimento no espaço; aquell a soberania que se significa pelo titulo, superior a todas as grandezas, de Vigario de Christo na terra.

Que lição instruc'iva para o mundo! Que desengano pungente para os illudidos! Que confirmação de acerto para os eleitos! Que aviso opportuno e salutar para os tímidos e indifferentes, que pensam salvar-se do naufragio, subpondo-se inertes á appressão, que a todos ameaça esmagar!

Eis ahi os homens depositarios e cultores da idea nova: que se pretendem propugnadores da felicidade humana, imputando-se a missão, que ninguém lhes incumbiu, nem sollicita, de seus dissimulad-res, impondo-a ao mundo por seu proprio empenho, embora a violencia manifesta seja um dos meios adoptados e repellidos de sua cinica protervia!

Eis como são, os que pretendem edificar em novas bases, imaginariamente produzidas por uma demencia, infernalmente machinada; negando a Deus, destruindo os primarios fundamentos da moral, e expungindo da consciencia as noções mais rudimentares do dever! Que inculcam uma nova era de civilisação; atropellando e profligando os mais sagrados direitos. Que se dizem os estrenuos defensores da liberdade; e emergem das trevas, negação irritante de toda a honestidade, para assaltando da embuscada, refluirem cobardemente, em tumulto anarchico de paixões anonimas, contra um sahimento funebre, impedin-

do pela aggressão violenta e pelas chuvas torpes, dictadas pela crápula mais purulenta, que uma sepultura piedosa e modestamente se feche sobre as cinzas, do que foi a mais veneranda, e a mais venerada eminencia do seu seculo.

Se não podem de facto egualar os deidades; porque para sua maior desgraça já encontraram consummada a obra da Redempção; conseguem ao menos provar que os excedem na impiedade. Ela na sanha impotente, com que se insurgem contra o céo, pretendendo em vão quebrantar as eternas leis, que os destinam á morte e á condemnação; nem sequer consentem que mãos inermes e compassivas depositem em paz sob a pedra d'um sepulchro os despojos preciosos d'Aquelle, que por amado de Deus foi victima sua.

Diante do enorme attentado contra o que ha de mais grave, piedoso e justo, o silencio da alma honesta só tem uma explicação: a de aproveitá-lo como expressão propria do mais completo desprezo. Só tem uma justificação: a de nunca se poderem eliminar, seja qual fôr a depravação d'uma época, os principios da moral e da justiça a ponto de, para a punição severa d'esse execravel escandalo pelo stigma da reprovação, ser precisa uma accusação. Só tem uma coacção: a da impossibilidade: de se encontrarem na linguagem humana termos de força e de extensão bastante para conterem as noções justamente significativas do espanto, consternação e horror motivados pelo procedimento d'esses scelerados imprevisos, a quem a vergonha e a justiça são sentimentos de tal modo ignorados, que nem já discriminam a occasião de apparentá-los na dissimulação traçoira de seus intentos depravados. Nem o nome mais prestigioso no hemispherio, o nome de Pio IX, nem a saudosa magestade de suas cinzas, prendendo a devoção fervorosa e profunda de milhares de fleis no momento solemne de lhes consagrarem as provadissimas glorias de martyr no recolhimento religioso do culto christão; nem a imponencia luctuosa de um sahimento funebre, traduzindo sob o consenso unanime do catholicismo as homenagens votadas ao mais levantado vulto dos tempos hollieiros pôde já evitar o insulto, a atropellação e o apedrejamento contra o esquife d'um Pontifice, guardado perante a Moral, o Direito e a Historia, pela justiça devida á religião, ao merito e ao tumulo, n'um dos mais incontestaveis exercicios da liberdade de consciencia! O gráu mais abje-

cto da degradação, que nem o mais brutal selvagem conheceu ainda, está portanto apontado ao futuro pavoroso da humanidade em medonha perspectiva pela mão audaciosa e cruenta d'esses barbaros da civilisação; perfeitamente conforme á doutrina deleteria, que a perflha, contra a qual sómente pôde resistir, combater e vencer a coragem christã, embora a sociedade, se o arrependimento, ou um grande milagre a não sustiver, tenha de ser arrojada ao fundo de um abysmo, já entreaberto, onde expiará nas mais torturantes angustias, depurando-se da podridão, que o corroe, a enormidade das culpas, que a tem impedido de cumprir, sequer com imperfeição toleravel, a lei evangelica, dando por suas faltas uma feição monstruosa aos direitos mais fundados, e ás instituições mais legitimadas. Durante essa laboração tremenda e dolorosissima, será o christianismo a grei discriminada e perseguida, fulgindo nas condensadas trevas do erro pelas rutilas côres de seu martyrio, e pelo brilho suave de suas virtudes, que raiará além das sombras da devassidão, a iniciar a aurora distante de um novo dia pelo amanhecer almejado e sereno d'outra melhor civilisação. No meio da tormenta, sopra da das cavernas tenebrosas, revolvendo a terra, simulando o cahos, e alastrando o mundo da larga esteira de seus crimes e ruinas, sobrelevará no proprio merito em deposito sacratissimo da regeneração e felicidade humana a virtude christã, sincera e fixamente representada na caridade: elevado a toda a sublimidade da sua noção evangelica esse sentimento identificante, que enlaça a terra com o céo, convertendo a humanidade n'uma só familia, determinando-a a reconhecer um unico e supremo chefe; e inspirando-lhe a unidade na obediencia, a abnegação no sacrificio, e a resignação no martyrio para essa heroica resistencia passiva, que é a attitudede característica da verdade imperecivel e triumphante em face da tyrannia oppressiva, odienta e sanguinaria. Reconhecer este dever e esta esperança pela fé mais viva; testemunhá-lo publicamente; e adorar a sua origem divina pela homenagem á mais reverente e humilde ante a bandeira de S. Pedro, essa culminação a mais elevada e inabalavel na ordem ideal e social como fundamento providencialmente posto no mundo de toda a moral, de toda a justiça, da lei, da liberdade e da auctoridade, sua condicção immediata e imprescindivel; esse

o proposito d'este instituto, virtualmente implicito na sua indole essencialmente religiosa o qual assim proclama bem alto, que adhere com toda a sua mente, com todo o seu coração, com todas as suas forças, ao protesto alludido; se protesto pode dirigir-se contra esse escumalho affrontoso, para o qual os codigos do mundo determinam, como destino justo, o logar, que desde logo designam aos nocturnos malfetores de estrada.

Sala das Conferências de S. Vicente de Paulo em Guimarães aos 18 de setembro de 1881.

O presidente, Joseph Teixeira de Queiroz Botelho de Pimentel e Vasconcellos—O vice-presidente, Sebastião da Costa Vieira Leite (já protestou como membro addido á commissão promotora do monumento)—O vice-secretario, Antonio José da Silva Ferreira—O vice-thesoureiro, Domingos José Ribeiro Guimarães—José Joaquim da Silva Guimarães (já protestou como membro da Veneravel Ordem de S. Domingos d'esta cidade)—Pedro Lopes Guimaraes—Padre Francisco Antonio Peixoto de Lima (já protestou como vice-presidente da commissão promotora do monumento)—Padre Antonio Joaquim Teixeira (já protestou como vice-presidente da Associação Clerical Vimaranesense)—João Antonio d'Almeida—Antonio José Pereira Martins—Jeronimo de S. Carlos Fernandes da Silva Ribeiro—Domingos Antonio de Freitas—Custodio José de Freitas—Francisco José da Costa Guimarães—João Luiz d'Araujo Gomes.

Por falta de espaço, deixamos para o numero seguinte as muitas adhesões que temos recedido.

Roga-se aos snrs. assignantes o favor de ler o correio sem franquia publicado na 3.ª pagina da capa, bem como o annuncio da 4.ª

Pede-se tambem aos que não reformaram a assignatura o favor de a reformar, porque o 1.º n.º do 4.º anno so é enviado a quem a reformar.

IMPRESA COMMERCIAL
DE
SANTOS CORREA & MATHIAS
16—Rua dos Lavadouros—16